

REPIQUE

SEM ATRAÇÕES

A Praça Castro Alves, a "Praça do Povo", como ficou conhecida em outros carnavais, continua sem a presença dos trios elétricos e artistas famosos. No sábado, à noite, apenas os trios Jôia e de Beto do Samba tocavam para animar a galera. Na noite de domingo a situação não foi diferente. A arquibancada do Campo Grande e o circuito Barra-Ondina, definitivamente, estão se tornando os principais pontos do Carnaval de Salvador.

ARQUIBANCADA

Com as bênçãos de todos os santos, os foliões do circuito Batatinha (Centro Histórico) não poupam as escadarias de todas as igrejas do local para transformá-las em arquibancada, para assistir aos desfiles das bandinhas. Na Catedral Basílica, no Terreiro de Jesus, muitos idosos e crianças ocupam as escadarias para se divertirem com os integrantes de bandas como Tropicaliente e Bebê Chorão, que usando muitos instrumentos de sopro arrastavam os foliões no som das marchinhas de antigos carnavais.

IMPROVISANDO

No Morro do Guto, famílias que não podem pagar os camarotes e desejam maior segurança improvisam seus espaços privados. No local, além de contarem com serviço dos ambulantes que vendem seus comês e bebes no topo do morro, têm uma visão privilegiada dos trios e atrações. Alguns cantores dos blocos, inclusive, fazem reverências às famílias do "camarote".

MARKETING

"Pare, olhe... não pense, entre". É o bem-humorado aviso em um cartaz colocado à entrada de um pequeno restaurante da Rua Araújo Pinho, no Canela, onde o folião encontra um cardápio ideal para "forrar" o estômago e agüentar o tranco da folia: feijoada, dobradinha e congêneres.

Irreverência tem sua primeira-dama

Eram seis horas da manhã da segunda-feira de Carnaval quando as carroças começaram a parar em frente à casa de dona Marilene Chavez, 53 anos, auxiliar de enfermagem aposentada. Aos poucos, iam chegando os vizinhos, curiosos, travestis, militantes políticos (sempre de oposição) e foliões de todos os tipos. No bairro da Fazenda Garcia todos sabiam que aquela movimentação anunciava a preparação para que o bloco Mudança do Garcia, criado há 53 anos (a mesma idade de Marilene), colocasse sua irreverência na avenida.

Quando ainda era menina, dona Marilene espiava da janela de casa esse ritual, ao lado do pai e dos irmãos. Hoje, casada com Lourival Chaves, o coordenador da "Mudança", ela está no epicentro de toda a história.

Abafada, mas sempre simpática, não esconde a alegria nem o cansaço: "Estou cansada, tirando meio de tempo. A gente não tem sossego, 15 dias antes do Carnaval já é este fuzê. E o pessoal ainda fala mal dele (do marido Lourival), dizendo que está ganhando dinheiro, mas não é verdade. Ele faz é por amor à 'Mudança', à tradição".

Tradição

Uma tradição que dona Marilene conhece desde os 10 anos, quando saiu pela primeira vez na festa da "Mudança". Naquela época, tudo era muito diferente. O bairro da Fazenda Garcia ficava cheio de políticos e recebia blocos de todos os lugares da cidade como Filhos de Gandhi e até uma

escola de samba, a Diplomatas de Amaralina (que deixou de existir nos anos 60). O Carnaval era todo no Garcia. "Eu nem saía daqui. O interessante é que é uma festa familiar até hoje. Todo mundo brinca do jeito que quer, sem cordas. É a comunicação do povo".

Sinônimo de protesto político nas ruas - "Olhe o grampo na avenida, gente!" - a confusão que começou a se armar bem cedo na casa de dona Marilene naquela segunda, ao meio-dia esboçava o formato de cortejo. As carroças se organizavam, os cavalos também. Aos poucos, de becós, casas e cantos da Fazenda Garcia surgiam baterias no ritmo do sambaduro, carros sonorizados e todo tipo de batucada. Em casa, dona Marilene passava sufoco. Gente procurando por

Lourival, outros querendo molho de pimenta, cerveja... "A casa fica entregue, tá vendo?", reclamava, mas em um tom de quem estava gostando.

Do lado de fora do portão de metal, chegavam foliões do Calabar, do Rio Vermelho, da Federação, do Canela, do Nordeste de Amaralina. Homens fantasiados de mulher, cidadãos cheios de contestação para provocar. Lourival, bem-humorado, estava na frente organizando as carroças. Dona Marilene, enfim, conseguiu deixar a casa vazia e começou a se preparar para também cair no pagode com as irmãs. Mas suas três filhas não têm a mesma disposição. Lílian, 24, ainda se arrisca a dar uma olhada. Viviane, 23, fica só na sacada da janela observando o movimento. Fabiane, 20, foi para a Ilha de Itaparica antes de a folia

começar. "Nenhuma gosta de acompanhar. Mas na minha casa era diferente; meu pai apreciava e meus irmãos vão até hoje".

Só alegria

Na rua, a multidão só faz aumentar. Dona Marilene, armada de uma cervejinha, se prepara para encarar o cortejo em um sol impiedoso de duas horas da tarde. As ruas da Fazenda Garcia estão entupidadas. A temperatura ultrapassa os 40 graus.

Voltada agora somente para a alegria, dona Marilene dá um sorriso amável e sai "quebrando" ládeira abaixo no balanço da Mudança. O ano que vem tem tudo de novo: a confusão, a casa cheia, o marido querendo sua cumplicidade, os amigos, a alegria. Este talvez seja o mistério de tanta felicidade.

GARCIA

Lorito, o senhor da "Mudança"



Criador das críticas de última hora, Lorito, ao lado do colega Adorno, superou a crise e manteve as carroças na rua

CLÁUDIO BANDEIRA E NADIA VLADI

Noite do sábado de Carnaval. Enquanto o folião pula na avenida, Lorito, no silêncio de sua casa, debruça-se sobre uma folha de papel na qual escreve frases virulentas, mas bem-humoradas, com críticas a políticos, ao desemprego e à carestia. Dois dias depois, estará nas ruas a Mudança do Garcia, a mais antiga agremiação popular carnavalesca do Brasil e única a ainda oferecer textura política a uma festa cada vez mais padronizada.

Não fosse a dedicação de Lourival "Lorito" Nascimento Chaves, 61 anos, industrial aposentado, e a Mudança do Garcia teria deixado de existir. "Pegamos o barco à deriva", recorda-se. O ano era 1989. O patrono da agremiação, o vereador Hebert Castro, falecera meses antes, e os decanos integrantes sentiam-se desestimulados. Com a ajuda do corretor José Marco Adorno, 51 anos - que começou aos 9 anos a participar da agremiação - Lorito providenciou, às pressas, a decoração das carroças e a contratação da banda.

Na Segunda-feira de Gorda, eles estavam na rua, assegurando uma tradição que teve início em 1927. Lorito não queria que a Mudança tivesse o mesmo destino da Escola de Samba Juventude do Garcia, campeã de 1972 e que, naquele mesmo ano, fechou as portas. "A própria estrutura do Carnaval baiano ajudou a destruir as escolas de samba", avaliou, pensando na incompatibilidade entre o som trio-eletrizado e a percussão sem amplificação das escolas.

Quatorze anos depois da "crise", a Mudança do Garcia sobrevive com suas carroças coloridas, puxadas por burros enfeitados e dezenas de faixas que os participantes fazem questão de carregar, com críticas ácidas à eterna crise socioeconômica do País, a exemplo da hoje clássica: "O povo só sente gosto de carne quando morde a língua".

Apesar dos aguaceiros intermitentes que caíam na segunda-feira do Carnaval das Batatas, Lorito, há 41 anos membro de carteirinha da agremiação, acordou cedo para os preparativos finais das faixas com "torpedos" do tipo "O grampo na Bahia não é só para prender cabelo". "A Ford de sonho virou pesadelo. Cade os 30 mil empregos?"; "Fome zero, paz no mundo"; "A mudança não muda, ela exige mudança".

As carroças perfiladas aguardam os participantes que vão chegando aos poucos no final da manhã, quando o sol receu ter espantado a chuva.

São profissionais liberais, sindicalistas, políticos da oposição e até crianças que não perdem a chance de participar do que Lorito define como o maior movimento cultural popular aberto de Salvador. Enquanto a Mudança não sai, a cerveja ajuda a aquecer os ânimos.

"Bacana era no tempo da ditadura", lembra Lorito, em conversa com Adorno. Naquele período, a expectativa era de que a dura repressão do regime militar à crítica política impedisse o desfile, o que nunca ocorreu. Afinal, a Faxina do Garcia, como era chamada a Mudança até 1950, foi criada por Candinho, Zequinha e Jaime Maromba, vindos das Forças Armadas e da Polícia Militar.

O pretexto dos militares foi zombar da fuga apressada na segunda-feira de Carnaval de um prostituta, que fora descoberto em seu escritório em uma casa da Rua do Baú (hoje, Rua D. Manoel I) e teve que colocar os pertences em uma carroça e procurar outro endereço em um bairro menos familiar.

Entre as histórias que guarda na memória está a da Mudança de 1930. Naquele ano, a eleição presidencial fora realizada em plena Segunda-feira de Gorda, e a disputa estava acirrada entre os candidatos Getúlio Vargas e Júlio Prestes. Foi um prato cheio para as ironias dos "faxineiros" do Garcia às vésperas da Revolução de 30.

A segunda fase da Mudança começa em 1947 e mistura-se com o ainda animado Carnaval do Garcia, esvaziado, segundo Lorito, após uma briga do então governador Antônio Carlos Magalhães com Hebert Castro nos anos 80. A desculpa dada foi a de que o Garcia fica muito próximo do Centro onde a festa acontece. O ano de 1959 reveste-se de especial importância para a Mudança e para os moradores do Garcia, pois foi o primeiro em que o barro da Rua Prediliano Pita recebeu calcamento de pedras.

"A Mudança do Garcia é como uma velha que fica mais bonita e gostosa com o passar dos anos", brinca Lorito, que nem em pensamento quer imaginar a participação de trio elétrico no cortejo, animado por uma banda de sopro e percussão. Ele sonha, contudo, conseguir patrocínio para amearhar cerca de R\$ 80 mil - quantia suficiente para sofisticar a "velha senhora" em 2004. Enquanto isso não ocorre, a Mudança do Garcia, fiel às origens, reafirma do alto de seus 76 anos: "O Carnaval é do povo, que dele precisa para alugar suas mígoas. Abaixo a elitização e viva a Mudança do Garcia".



Marilene, desde menina, espiava o ritual da "Mudança" até chegar a sua vez de participar